



A IDEIA ^{73/74}

*revista de
cultura
libertária*

periodicidade anual
outono 2014
preço voluntário

Shi

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário: João Freire
director e editor: António Cândido Franco
editor gráfico: Luiz Pires dos Reis
redactor adjunto: João Mendes de Sousa
periodicidade: anual (número duplo)

imagens gerais para este número: Aldina, Alex Januário, Alface, Almerinda Pereira, António Quadros, Aube Breton Elléouët, Benjamim Marques, Carlos Mota de Oliveira, Cruzeiro Seixas, Daniela Gomes, Délio Vargas, Diniz Conefrey, Dominique Labaume, Fátima Sona, Fundação Cupertino de Miranda, Isabel Castro Henriques (Alfredo Margarido), José Escada, Isabel Meyrelles, Lud, Luis Manuel Gaspar, Manuela Correia, Marcus Rogério Salgado, Maria João Vasconcelos, Maria João Worm, Mário Cruz, Maurícia Teles, Pedro Oom, Rui Martinho (Virgílio Martinho), Ruy Ventura, Vasco.

imagens de Manuel de Castro: Maria Natália Cabrita (herdeiros) & Ricardo Ventura.

capa: António Quadros, '50 anos dos Descobre-ementas', Setembro/Outubro de 1990, tinta-da-china sobre papel / 47,4 x 66cm / doação Cruzeiro Seixas, colecção Fundação Cupertino de Miranda.

contracapa: collage de Aube Breton Elléouët.

endereço: rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal

endereço electrónico: acvcl@uevora.pt

blogs: <http://aideialivre.blogspot.com>; <http://colectivolibertarioevora.wordpress.com>

depositários: Livraria Letra Livre: calçada do Combro, n.º 139, 1200-113 Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelho, 13, 2900 Setúbal; Livraria Alfarrabista - Miguel de Carvalho, Adro de Baixo, 6, 3000 Coimbra.

impressão: Rainho & Neves- Artes gráficas

depósito legal: 365900/13

registo do título: 104 197

ISSN: 0870-6913

A *Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção; através da criação poética e artística, da expressão filosófica, da pesquisa social e da investigação histórica procura criar as bases dum espírito livre, criativo e solidário, contributo efectivo para a realização de todos os seres vivos. Tirando este principio geral, suficiente para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática - ao menos para já. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua publicação ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Os trabalhos publicados na revista, salvo indicação expressa em contrário dos autores, não têm direitos reservados e, com indicação de autor e de fonte, podem ser reproduzidos livremente. Não se segue nenhuma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir. A revista aceita ainda publicar, sem tradução, textos em francês, castelhano, catalão, italiano e inglês.

AS CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA.

DESEJA-SE PERMUTA PIDESE CANJE ON DEMANDE L'ÉCHANGE
CHIEDESI SCAMBIO WE ASK FOR EXCHANGE MAN BITTET UM AUSTAUSCH

PP
14138

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 17 – n.º 73-74 – Outono de 2014

ÍNDICE	1		
DECLARAÇÃO			
Sobre-Realismo em tempos de Café Gelo / Gelo em tempos de Surrealismo	3		
I SURREALISMO & CAFÉ GELO	5		
Manuel de Castro	7		
Cartas inéditas a Helder Macedo com nota deste	9		
Carta inédita a Carlos Loures com nota deste	13		
Poema em catalão por Félix Cucurull	15		
Ricardo Ventura			
O espólio de Manuel de Castro	17		
Manuel de Castro (<i>Inéditos</i>)	20		
António Barahona			
Mágico, Manuel	25		
Vasco			
Manuel de Castro & Gelo	28		
Luiz Pires dos Reis			
A estela mântica do mito: a rútil construção da argonau	29		
Miguel Filipe Mochila			
Quem tem medo do surrealismo	32		
Maria Estela Guedes			
Sobre Manuel de Castro – um texto de Herberto Helder	35		
Maria de Fátima Marinho			
Vertigens do lugar	39		
Jorge Telles de Menezes			
Manuel de Castro: a Luz em viagem	42		
António Cândido Franco			
Manuel de Castro: os versos de gelo	47		
Arthur Rimbaud			
Últimas palavras escritas	51		
Luís Amaro			
O melhor 'retrato' de Mário Cesariny	52		
António Salvado			
Ao Mário Cesariny, aqui	54		
Virgílio Martinho			
Sábado Festa	55		
Luiz Pacheco			
Carta inédita a Virgílio Martinho	56		
Manuel Silva Ramos			
Visita a Luiz Pacheco	58		
Carlos Mota de Oliveira			
Poema-homenagem	59		
Almerinda Pereira			
Luiz Pacheco: notas sobre um pedido de pão	60		
Maurícia Teles			
Luiz Pacheco	62		
Sofia Santos			
Luiz Pacheco: uma literatura descarnada	63		
		Nicolau Saião	
		Como o outro que diz	65
		Pedro Oom	
		Carta a Nicolau Saião com notas	68
		Três poemas	69
		Alfredo Margarido	
		Um semi-inédito de 1957	71
		Surrealismo negro	72
		Paulo Jorge Brito e Abreu	
		Bon sauvage	77
		Fernando Botto Semedo	
		Mário Cesariny – a casa da poesia	78
		Laurens Vancrevel	
		Walking down the streets with Mário Cesariny	79
		Carla Ferreira de Castro	
		Passeando nas ruas com Mário Cesariny	80
		António Cândido Franco	
		O renque tão decisivo do mar e do céu marinho	81
		Isabel Meyrelles	
		Entrevista	82
		Arnost Budik	
		Carta inédita a Cruzeiro Seixas	85
		Manuel Neto dos Santos	
		Homenagem a Cruzeiro Seixas	87
		Raul Leal	
		Carta inédita a Almada Negreiros [trecho] anotada por Manuela Parreira da Silva	88
		Ruy Ventura	
		Dois testemunhos de Manuel D'Assumpção	90
		Manuel de Castro entrevista D'Assumpção	93
		D'Assumpção	
		Carta inédita a João de Vasconcelos anotada por Ruy Ventura	94
		António José Queiroz	
		O Pintor	95
		Manuel Herminio Monteiro	
		Pascoaes de avião	96
		A morte não existe	96
		Teixeira de Pascoaes	
		Carta inédita a Albert Vigoleis Thelen	97
		João Mendes de Sousa	
		No Ganchô de António	99
		Nunes da Rocha	
		Gancharia	100
		Ângelo de Lima	101
		Manuel Villaverde Cabral	
		Radicalidade estética, radicalidade política	106
		Luiz Pires dos Reis Donis de Frol Guilhade	
		Varik ou a gesta orgânica na cidade mineral	107
		Amadeu Baptista	
		Viagem nocturna	109



Manuel Silva-Terra		Nuno Mangas Viegas	
De gelo	112	Semente-boca	179
Maria Estácio Marques		Valter Nogueira	
Mário Cesariny – Natália Correia	113	Três poemas	180
João Carlos Raposo Nunes		José Emilio-Nelson	
Manuel de Castro – 1973	114	Aflição e Cinza	183
Fernando Grade		Paulo Jorge Brito e Abreu	
Manuel de Castro & Companhia	115	Soneto à guisa de Bocage	185
António Cândido Franco		Alexandre Vargas	
O Gelo – do princípio ao fim	117	"Boa noite, senhor Fernando Pessoa"	186
Carlos Loures			
Entrevista	122	IV LEITURAS & NOTAS	187
Helder Macedo		Luís Amaro	
Poema	126	Lembranças avulsas de Gonçalves Correia	
CRONOLOGIA	127	e seu filho Ferrer	188
II BRASILEIRA	131	Gonçalves Correia	189
Benjamin Péret		Brito Camacho	
Uma arte sem rosto	132	José Hipólito Santos	190
Sergio Lima		Um militante libertário: Moisés Silva Ramos	
Mélusine bleue-nuit	133	João Freire	194
Alex Januário		Paul Goodman	
Transmissões	136	Joaquim Palminha Silva	196
Grupo DeCollage		Novos instrumentos de manipulação e tortura	
Cronologia	137	José Maria Carvalho Ferreira	197
Claudio Willer		Maria Conceição Magos Jorge	
Séries	138	Paulo Guimarães	198
Florianio Martins		Nota sobre "Negras Tormentas", Alexandre Samis	
Visões da névoa: surrealismo & Brasil	140	Carlos Júlio	201
Lucila Nogueira		Portal Anarquista	
Espelho veneziano	149	Jorge M. Colaço	201
Ângelo Monteiro		Publicações independentes	
Sem disfarces	151	Laurens Vancrevel	202
António Cândido Franco		Le miroir noir de la poésie surréaliste	
Basílica de Benjamin Péret	152	Miguel Pérez Corrales	203
Pietro Ferrua		Philip Lamantia	
Entrevista	156	Jorge Leandro Rosa	204
III DOCUMENTA	159	Para um povoamento da vida poética: Gary Snyder	
Agostinho da Silva		Carla Ferreira de Castro	206
Sobre um livro de António Telmo	160	A irmandade Pré-Rafaelita	
Nuno Júdice		Miguel de Carvalho	208
Lírica, narrativa, poesia	162	Allan Graubard e o surrealismo hoje	
Antonio Sáez Delgado		Manuel Parreira da Silva	209
Paisaje	163	"Aviso a tempo por causa do tempo", Ant. Maria Lisboa	
António Telmo		Fátima Sona	212
Fragmento dum livro inédito	164	Uma cartilha de remos e rimas?	
Pedro Martins		Cristina Dias	213
Para uma kabbalah pós-atlântica	166	A revolução poética de Natália Correia	
Fiana Hasse Pais Brandão		António Gonçalves	214
Cartas inéditas a António Telmo		Memória de luz e silêncio [Henrique Risques Pereira]	
comentadas por António Carlos Carvalho	172	Rui Sousa	215
Paulo Borges		Recordações do Congresso Surrealismo(s) em Portugal	
Mãe, Irmã e Amante nossa	177	Sofia Carvalho	217
José Rui Teixeira		Triénio pascoalino	
Poema	178	Arquivo & Registo	219
		Novos Colaboradores	251



O CAFÉ GELO E A PIRÂMIDE

ENTREVISTA A CARLOS LOURES

[Carlos Loures nasceu em Outubro de 1937 e fez parte da geração que tomou o café Gelo como abrigo na segunda metade da década de 50 do século XX e nos primeiros anos da seguinte. Coube-lhe a responsabilidade de coordenar, com Máximo Lisboa e Sena Camacho, este apenas no segundo número, os três números da revista *Pirâmide* (1959-1960), uma das manifestações escritas do Café Gelo e uma das raras publicações do surrealismo em Portugal. Quando se fala da geração do Café Gelo o testemunho de Carlos Loures é pois intorneável. Quisemos registar o seu depoimento, que acreditamos valioso para a história da época. O registo deve ser complementado com o testemunho escrito que o autor deu a Daniel Pires (*Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1941-1974)*, vol. II, 1.º tomo, 1999, pp. 361-62) e que foi já referido no número anterior desta revista por Manuel Simões. Carlos Loures estreou-se com um livro surrealista, *Arcano Solar* (1962), mas fez depois uma obra marcada pelo realismo. A assinalar a viragem ficou polémica com Mário Cesariny no *Jornal de Letras e Artes* (1966).]

Fez 20 anos em 1957, numa altura em que a tertúlia do Café Gelo se reunia já na parte ocidental do Rossio. Porquê a sua chegada ao grupo?

Guiando-me pelas datas das dedicatórias em livros, a mais antiga é de Cesariny, *Alguns mitos maiores...*, Julho de 1958; a segunda, datada de Setembro de 1958, é de Ernesto Sampaio em *Luz Central*. Em 1959, 60, 61, há muitos livros dedicados. Creio que terá sido já em 1958 que fui apresentado ao grupo, talvez na Primavera. Em Maio, estive com Ernesto Sampaio na campanha de Delgado e já nos conhecíamos do Gelo. Julgo ter sido o João Fernandes Gonçalves quem me apresentou ao Cesariny e a outros elementos do "grupo". E levanto uma questão – não sei se será correcto designar por "grupo", aquele conjunto de pessoas que bebia café no Gelo.

Qual era o papel de Cesariny nos encontros?

O Cesariny era a incontestada personalidade tutelar. Numa época em que a homofobia não era considerada uma posição politicamente incorrecta, em que o termo nem sequer existia, toda aquela comunidade, maioritariamente hetero, nutria um profundo respeito por Mário Cesariny de Vasconcelos.

Como era o Luiz Pacheco que conheceu nesse tempo?

O Luiz Pacheco era, aos olhos dos mais jovens, a imagem viva da transgressão. Empregado na Inspecção de Espectáculos, lembro-me de o ver de gravata que era um adereço obrigatório para quem trabalhava em "locais respeitáveis". Pois o Pacheco, engravatado e penteadinho, aparecia por vezes, vindo do emprego, com sapatilhas...

Que lembranças tem de Raul Leal, que viria a morrer em 1964?

Um homem perdido num labirinto, ou melhor, Raul Leal parecia-nos perdido, mas nós é que nos perdíamos no seu labirinto. Ele percorria-o com grande segurança. O *paracletianismo*, o Terceiro Reino Divino, o advento do Quinto Império, era um sistema filosófico, religioso, científico... de que se afirmava profeta. Enunciava tudo de memória. Era uma figura desfasada do conjunto, pois a posição política dominante era progressista e Raul Leal defendia um plano de salvação do mundo em que os norte-americanos assumiam um papel preponderante. Uma tarde, quando Raul Leal, como quem acciona um gravador, começou a recitar a sua prédica, o João Rodrigues, levantou-se e saiu. Passada uma boa meia hora reentrou e do cimo da escada da 1º de Dezembro ouviu e comentou – "Ah, ele ainda vai na serpente..." – e voltou a sair.

Pedro Oom aparecia nas reuniões do grupo? E Manuel de Lima?

O Pedro Oom não aparecia ou aparecia muito raramente. Foi já a partir de 1972 ou 1973 que tive um convívio grande com ele e nos envolvemos, juntamente com um grupo de que fazia também parte o Forte e o Adriano de Carvalho, num projecto de uma comuna, uma espécie de falanstério. Ideia do Pedro. Almoçávamos semanalmente num restaurante da Rua João Crisóstomo e íamos aperfeiçoando o projecto. Chegámos a ir ver terrenos. Mas houve o 25 de Abril, o Pedro morreu e a comuna não foi por diante. O Manuel de Lima, sim, aparecia. Tocava na orquestra de um dos teatros do Parque Mayer. Era muito formal, muito contido – um contraste absoluto com a sua escrita.

Havia relações com Natália Correia?

Não me lembro de ver a Natália no Gelo. O Manuel de Lima, o Cesariny, o Pacheco, eram pessoas com quem ela convivia. Fui-lhe apresentado em Alfama, num arraial de Santo António e raramente tive ocasião de a ver depois.

Que recordação tem de Manuel de Castro, a quem dedicamos parte deste número da revista A Ideia?

Um grande amigo com quem tive alguns conflitos, mas também uma grande, uma profunda estima. Os conflitos tinham a ver com uma certa animosidade contra o facto de, sendo um recém-chegado ter tido o descaramento de editar uma revista – era uma animosidade que todos os membros do grupo, mais ou menos, manifestavam. O Manuel, mais do que os outros, verbalizava-a. Mas aos poucos foi diluindo-se e mesmo depois do anátema lançado pelo Cesariny, a amizade manteve-se e em alguns casos aumentou – casos do Forte, do Virgílio Martinho, do Pacheco e do Manuel. Visitávamo-nos e lembro-me de um almoço memorável em minha casa perto de Carcavelos, com o Renato Ribeiro, o Benjamim Marques e o Manuel de Castro e as respectivas companheiras.

E o Ernesto Sampaio desses anos que impressão lhe deixou?

Uma grande cultura e uma grande delicadeza. E uma inusitada posição de esquerda militante. Inusitada porque a recusa liminar do neo-realismo, como se sabe, vinculado a uma corrente política, levava Cesariny a assumir uma postura mais “aristocrática”, condenando o salazarismo, mais pela sua estupidez do que pela sua crueldade social e política. Pois Ernesto Sampaio, talvez o mais erudito frequentador da tertúlia, assumia a sua posição antifascista sem se preocupar com a opinião dominante. Aliás, essa posição de esquerda, sendo ali minoritária, não era única – o Forte, o Virgílio Martinho, entre outros, compartilhavam-na.

Como avalia a obra de João Rodrigues, outro membro do grupo?

Um grande talento, um grande sentido de humor. Um desenhador de grande subtilidade e ironia.

Não se pode falar do grupo do café Gelo sem trazer à conversa a revista Pirâmide (1959-1960), onde o grosso dele colaborou. O Carlos foi um dos responsáveis da publicação. Como surgiu a ideia de a fazer?

A juventude tem o direito a uma certa ignorância, a ignorância é arrogante, a arrogância é imprudente. Para quem tinha vinte anos, com a presença de tantos escritores num grupo, era evidente que a publicação de uma revista se impunha. Ainda ninguém formulara a ideia e, lembro-me de em conversa com o Cesariny, na presença do Forte e do Virgílio Martinho (por acaso, não no Gelo, mas creio no Terminus), lhes dei conta do projecto que já tinha formulado com o Máximo Lisboa – o de reunir numa revista a colaboração de toda aquela gente. Não tínhamos sequer ideia de que título devíamos pôr e foi o Cesariny quem se lembrou de Pirâmide pelas evidentes ligações do surrealismo ao esoterismo da civilização egípcia.

Como foram as relações da revista com a censura?

Não houve relações. Na verdade, escudados na forma legal de “publicação não periódica editada pelos autores”, não fomos incomodados. Não faltaram denúncias e apelos à intervenção policial, mas o aparelho repressivo tinha mais com que se preocupar. Os intelectuais do regime sabiam descodificar e pôr a nu a praxis que, em alguns textos, existia sob a tessitura formal. Mas a Censura e a PIDE sabiam que as pessoas em geral eram incapazes de proceder a essa hermenêutica.

Houve ligações da revista com o jornal Planície, de Moura, em que o Carlos também colaborou?

Colaborei por ser amigo e colega do Afonso Cautela. Relações entre a *Pirâmide* e a *Planície* não chegou a haver. Creio que o Cautela era um dos autores que prevíamos para um número quatro que nunca chegou a sair.

Alfredo Margarido colaborou em Pirâmide (3) com uma nota sobre Edmundo Bettencourt. Conheceu-o no Gelo?

O Margarido não parava no Gelo, ou ia lá muito raramente. Creio que foi o Manuel de Castro quem me apresentou. Era a tertúlia do Restauroação. Tornámo-nos muito amigos.

Edmundo de Bettencourt também aparecia? Que recordações tem dele?

Foi a primeira pessoa que me falou no José Afonso. Uma pessoa de uma cultura brilhante e que era de uma modéstia comovente.

Como vê as obras de Virgílio Martinho e de António José Forte, dois colaboradores de Pirâmide e dois do Gelo?

Poeticamente muito diferentes. Com toda a subjectividade que a apreciação implica, diria que o António José Forte era um grande poeta e que a obra de Virgílio Martinho, resulta sobretudo de um esforço de militância literária e política.

Qual o lugar de Herberto Helder, outro importante colaborador da sua revista, na poética do grupo?

O grande talento do Herberto era uma evidência. Logo no primeiro livro (*O Amor em Visita*) se viu que era um grande poeta e, embora não houvesse tronos, o Herberto era um elemento do grupo, merecedor de grande respeito e que se caracterizava pelos discursos irados que fazia à mesa do Gelo. O seu talento era evidente, mas não se supunha que iria construir uma obra tão consistente. Na minha opinião, o Herberto é o mais importante poeta português – pós Pessoa (e não me estou a esquecer de ninguém). Seria bom para a história do surrealismo português integrá-lo na corrente. Porém a sua poesia é demasiado excelente para ser acorrentada. Respondendo sucintamente à pergunta – não, ninguém supunha que o Herberto viesse a assumir a posição que assumiu. Alguém disse (não me recordo quem) que ele gastava o talento em conversas de café. E parecia ser verdade. Parecia.

José Carlos González foi um dos do Gelo, além de ter colaborado na Pirâmide com uma colagem de palavras. Como o recorda?

Tinha graça, era um *blagueur*. Cantava bem. Orgulhava-se da sua ascendência galega. Mas a partir de *Ísis* ou *o Cérebro da Noite*, não li mais nada dele. Sei que teve uma actividade importante na organização de espólios de diversos escritores, mas, a partir de fins de 1961, quando sai de Lisboa, deixámo-nos de nos dar.

Quer lembrar mais alguém?

Sim. O Granjeio Crespo. O Gonçalo Duarte e o João Vieira que tinham o atelier num andar de cima. O Saldanha da Gama, o João César Monteiro que por ali aparecia raramente. O João Fernandes Gonçalves e o Benjamim Marques, meus ex-colegas do Ateneu. O Vasco de Castro, com quem me encontro, embora sem grande frequência...

O que me pode dizer do D' Assumpção, dos raros plásticos a colaborarem em Pirâmide (n.º 2) – ao que lembro nem sequer o João Rodrigues ou o Benjamim Marques lá aparecem?

Já referi a animosidade que a edição da *Pirâmide* provocou entre a generalidade dos frequentadores do Gelo. Embora com pequenas tiragens, a revista causou sensação no meio literário nacional. Esse sucesso provocou uma irritação ainda maior. O "golpe" que o Pacheco liderou contra a direcção exercida pelo Cesariny no primeiro número, radicalizou a animosidade dos mais fiéis "cesarinistas" e trouxe-nos um acréscimo de apoio do grupo politicamente mais radical. O João Rodrigues nunca escondeu a sua oposição frontal à revista – com alguma razão acusava-nos de indefinição. O Benjamim Marques manteve uma posição idêntica – quando a revista já não se publicava, juntou-se ao nosso grupo – aos que, tendo como base a tertúlia do Restauroação, já não se acolhiam à sombra do surrealismo – embora sem rejeitar. Se a revista tivesse continuado, tenho a convicção de que o Benjamim se teria juntado a nós – Renato Ribeiro, Manuel de Castro, Forte, Virgílio, Herberto, Margarido, Bettencourt...

O D' Assumpção estava à margem das pequenas guerras. Convidámo-lo e ele aceitou. Fui ao Porto "promover" o número 2 da revista e numa reunião em casa de Jaime Isidoro apareceu o D' Assumpção que estava a viver episodicamente por ali, lembro-me que na Rua da Torrinha. Houve um grande silêncio, porque, quase coincidindo com a publicação da revista, fora-lhe atribuído o Prémio de Pintura do SNI. O facto de o ter aceiteado transformou-o num leproso. Todos o ignoraram. À falta de melhor, veio direito a mim e eu não tive coragem para não lhe falar. Fingindo não ligar ao nosso diálogo, os ouvidos estavam atentos. Tendo eu dito qualquer coisa no género – "Você podia ter-nos avisado de que tinha concorrido", o D' Assumpção explode em soluços dizendo repetidamente "Os senhores é que são os puros, eu sou um traidor" (não sei se as palavras foram exactamente estas – o sentido, sim). Eu não sabia o que fazer, não fui capaz de lidar com a situação. O Forte salvou-me. Abraçou o D' Assumpção e ralhóu-lhe – "Não faças fitas pá. Não és nenhum traidor, és é maluco".

Quem era Marcelo Sousa que fez a capa dos dois primeiros números de Pirâmide e se responsabilizou pela orientação gráfica dos dois?

Marcelo Sousa nada tinha a ver com o Gelo. Estudante de Arquitectura, pertencia a uma tertúlia que se encontrava no Pão de Açúcar, um café da Alameda, e que por vezes derivava para o Império ou para o Continental, onde se jogava xadrez. Foi uma prova de força – quisemos demonstrar que embora os artistas plásticos do Gelo não tivessem aderido, não nos faltavam recursos. Cesariny, que ensaiava as primeiras incursões na pintura, teria feito a capa do primeiro número. Mas os seus trabalhos exigiriam selecções de cor, impressão a quatro cores – viviam da cor. Isso encareceria o custo de execução gráfica de uma forma incomportável para as nossas finanças.

Na primeira página do terceiro número de Pirâmide informa-se que um quarto número está já no prelo com colaboração de Vieira da Silva, Rosa Colaço, Natália Correia, António José Forte, José Manuel Simões e Isidore Ducasse. Que sucedeu para o quarto número, então no prelo, nunca aparecer? Ainda conserva esse material?

Não chegámos a reunir o material e, provavelmente, não teríamos conseguido obter tudo o que estávamos a prometer. Lembro-me que a Natália disse ao Pacheco que colaboraria e a Vieira da Silva mandou um recado no mesmo sentido por alguém ligado ao grupo de Paris (João Vieira, Gonçalo Duarte...). Os outros nomes estavam mesmo assegurados – incluindo o Isidore Ducasse...

O que foi (e é) para si a geração do grupo do Café Gelo?

Bem, vou explicar a reserva que coloquei à designação de "grupo". Note que se tratava de várias gerações e de várias opções estéticas. De posições políticas variadas, embora maioritariamente anti-salazaristas. Mas até gente de extrema-direita por ali parava, como, por exemplo, o Goulart Nogueira, do *Tempo Presente*, a revista dirigida por Fernando Guedes e que provocatoriamente se despedia por vezes com a saudação fascista. Não se pode ver o Gelo como a Academia de Platão onde se ia aprender. Houve um núcleo mais consistente. O Herberto, o Forte, o Virgílio Martinho, o Ernesto Sampaio... Mas se virmos bem, poeticamente nada têm a ver uns com os outros. Acho que todos eles teriam feito os seus percursos, sem o Gelo. No Gelo, dormitava-se, discutia-se política, lia-se um poema acabado de escrever, lia-se o jornal... havia grandes silêncios. E o discurso do divino Paracleto que Raul Leal não se fazia rogado para debitar. Ao fim da tarde, aparecia o Luiz Pacheco, com o seu saco de livros que vendia (e oferecia) e era sempre um momento especial, a tal nota de transgressão que o Pacheco trazia colada.

Como num aeroporto se cruza gente com vários destinos, o Gelo foi o ponto de encontro de pessoas que queriam ir para lugares diferentes. Criar uma obra "um dia destes" e, entretanto, tecia-se o tédio, o desespero... desespero que para alguns foi até ao suicídio. Como num aeroporto, várias salas de embarque. Aviões com destinos diversos...

A IDEIA
Fevereiro de 2014